



www.delfimsantos.org

Silêncio e extraposição

Luís Washington Vita (1967)

Datiloscrito inédito, primeira entrega de uma evocação destinada à obra *In Memoriam de Delfim Santos*, cujo texto acabaria sendo substituído por 'Delfim Santos, desafiante historiador das ideias' (1968).

Conheci Delfim Santos em Mendoza, Argentina, em 1949, ao ensejo de um congresso internacional extraordinário de Filosofia. No ano seguinte voltei a encontrar-me com ele, desta vez em Lisboa, reencontrando-o em São Paulo em 1954 e novamente na capital portuguesa em 1965. Mantive com o pranteado pensador portuense alguma correspondência, possuindo a maioria dos seus opúsculos (ao que parece seu único livro é a tese apresentada para o doutoramento em Berlim), tendo eu publicado na *Revista Brasileira de Filosofia* uma recensão sobre seu ensaio de pedagogia existencial editado em Limeira, no interior do Estado de São Paulo. Dele mereci algumas finezas inolvidáveis, desde adentrar seu lar em cordial retribuição ao que eu lhe propiciara quando passou pela capital paulista, até à obtenção de um auxílio, por intermédio da Fundação Calouste Gulbenkian quando, em 1964, permaneci em Lisboa durante uma quinzena estudando textos de 'pensadores portugueses nascidos no Brasil'. Nesses breves e espaçados encontros, não mais de meia dúzia nos dezesseis anos de nossa amizade, naturalmente falamos de tudo, e de filosofia menos que tudo. Era o desvão recôndito de sua personalidade, desafiante para mim: o pensador que se negava não digo a discutir mas a, pelo menos, papear a propósito do pensamento filosófico. Minha resposta a esse desafio, jamais comunicada a ele, ia desde a frustração do aprendiz de filosofia que eu era (o que não quer dizer que deixei de sê-lo com o pesar dos anos) diante do mestre tão recatado e silente quanto ao nosso ofício comum, até à frustração que eu atribuía a ele, impedido quem sabe de exercer sua vocação por motivos peculiares à vida acadêmica de seu país, para mim ainda obscuros.

Eis, portanto, o binário sobre o qual rolaram ao mesmo tempo perplexos e elpidicos, meus contatos pessoais e epistolares com Delfim Santos: silêncio e extraposição, numa espécie de existencial e dramático paralogismo que o levava a calar-se porque deslocado e, deslocado, calava-se. Com isto privou-se a língua filosófica lusíada da explicitação de um pensamento que se consumiu no seu próprio



www.delfimsantos.org

ensimesmar-se, com exceção de algumas poucas manifestações de alteridade, comunicadas aqui e acolá, circunstanciais e assistemáticas.

Contudo não estaríamos diante de uma versão lusitana de propositado estilhaçamento de um legado especulativo, à maneira de Dilthey? Não teria sido Delfim Santos um pensador problemático ao invés de sistemático, ele que, em Berlim, fora aluno de Nicolai Hartmann? Sim e não.

Discípulo de Leonardo Coimbra, no Porto, certamente ficou marcado senão pelo 'Criacionismo' do controvertido pensador ao menos pelo gosto metafórico dos temas antropológicos, atenuado depois de passar pelo positivismo lógico. Tudo o levaria pois a uma, por assim dizer, sistematização de problemas, ou a um problematicismo sistemático, como certamente poderá vir a ser confirmado com a publicação dos seus inéditos: ensimesmamento que explodirá no grito da alteração que lhe foi negada enquanto viveu. Será então o fim do silêncio, num paradoxo irónico de quem fala sem dialogar.

Monologador por destino, no entanto fora Delfim Santos possuído de um impulso nosístico em grau superlativo, como os grandes vultos que o precederam na história do pensamento filosófico português, constitutivamente dialógicos. Por isso minha perplexidade frustrativa em face de Delfim Santos nunca foi desesperada. Aguardava eu, elpídico, a mensagem que ele, em vida, transmitiria para um debate amplo. Evento impossível, foi necessário o acidente tanático para que o pensamento de Delfim Santos pudesse 'nascer'. E só a partir da publicação de seus inéditos será possível chegar-se a alguma conclusão objetiva, acima dos impactos emocionais e além da mesquinhez sórdida dos desafetos pessoais.

São Paulo, 4 de julho de 1967.

Luís Washington Vita